

O Trabalho e seu Significado de Reinclusão para o Morador de Rua

RENATA OLIVEIRA PIRES DE SOUZA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)
renata.opiresdesouza@gmail.com

O Trabalho e seu Significado de Reinclusão para o Morador de Rua

1. Introdução

A população em situação de rua é um fenômeno urbano que está em crescente expansão, é um fato complexo e contraditório pois à medida que as cidades produzem riquezas, belezas e promessas de prosperidades, o surgimento das populações em situação de rua na paisagem urbana se torna emblemática e devido a isto merece atenção.

Mesmo com as mudanças históricas que ocorreram na cidade, o morador de rua se faz presente desde a Antiguidade, portanto, é um fenômeno persistente, o qual não pode ser solucionado se posto em uma situação periférica ou se simplesmente for descartado (ROBAINA, 2015).

Segundo a Constituição Federal do Brasil de 1988, no capítulo II, Art. 6º, fica claro que é direito do cidadão brasileiro o acesso à Educação, Saúde, Trabalho, Moradia, Lazer e Segurança (Brasil, 1988). Mais claro ainda, é que este direito não é assegurado aos indivíduos que se encontram em uma situação de rua.

Para Silva (2006) o fenômeno da população de rua é consequência do sistema capitalista que dita as leis, logo, se o indivíduo não possui dinheiro, ele não se enquadra dentro das bases sociais e é colocado a margem da sociedade; essa exclusão faz com que ele perca esta condição de cidadão.

Segundo Silva (2006) existem varios fatores que levam o individuo a se encontrar em uma situação de rua. Entre eles temos:

- Fatores estruturais: ausência de moradia, inexistência de trabalho e renda, mudanças econômicas e institucionais de forte impacto social.
- Fatores biográficos: alcoolismo, droga, rompimentos dos vínculos familiares, doenças mentais, perda de todos os bens, etc. além de desastres.

Porém, fica claro que as causas para uma pessoa acabar em situação de rua são muito mais complexas, são multifacetadas, pois, a população de rua possui múltiplas realidades. Este individuo é um ex-cidadão, apagado do restante da sociedade e receptor de estigmas criados por ela própria. Exposto à miséria, é evidente que seus direitos não são assegurados pelas instituições que têm este objetivo (ALMEIDA, 2011).

Natalino (2016) em uma pesquisa para a estimativa da população de rua no Brasil para o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) conclui que em 2016 existiam no Brasil 101.854 pessoas em situação de rua, das quais, deste total, estima-se que 40,1% habitam municípios com mais de 900 mil habitantes e mais de 77,02% habitam em municípios de grande porte, com mais de 100 mil habitantes. Por sua vez, estima-se que nos 3.919 municípios com até 10 mil habitantes habitem 6.757 pessoas em situação de rua, ou seja, 6,63% do total estimado.

Esta estimativa do IPEA demonstra que a população em situação de rua se concentra nos municípios com maior densidade populacional, concentrando-se nas metrópoles. Sobressai-se a Região Sudeste, onde se encontra quase metade (48,89%) da população em situação de rua no país.

2. Problema de Pesquisa e Objetivo

O Problema de Pesquisa do presente artigo é: Os moradores de rua entendem o trabalho como um meio para a reinclusão na sociedade?

O presente artigo tem como objetivo principal compreender a percepção do indivíduo em situação de rua sobre o trabalho como meio de reinclusão.

3. Fundamentação Teórica

Esta presente seção mostra as principais revisões da literatura existentes à respeito dos indivíduos em situação de rua, da questão do trabalho, mostrando o surgimento e a interligação desses dois conceitos.

3.1. A cidade e o morador de rua

Para Lefebvre (2011) a problemática urbana começa com o processo de industrialização, problemas relativos a planificação e crescimento além de questões referentes à cidade e ao desenvolvimento da realidade urbana. A sociedade é como uma rede de cidades com certa divisão do trabalho feita entre cidades ligadas, que, possuem o Estado como poder centralizador.

A cidade sempre teve relações com a sociedade e seu funcionamento devido a seus elementos constitutivos e de história, ela muda a sociedade no seu conjunto, ela depende das relações diretas entre as pessoas e grupos que compõe a sociedade. A cidade é importante para o capitalismo com sua indústria propriamente dita e mão de obra, além de concentrar os compradores (LEFEBVRE, 2011).

Por outro lado a cidade reproduz a segregação, porque a valorização por conta da apropriação ocorre de forma desigual. A cidade atrai para si tudo que nasce, tudo que vem da natureza, do trabalho e de outros lugares, ela não é alheia ao que é diferente, na realidade ela reúne o diferente (LEFEBVRE, 2011).

Neste contexto surge o morador de rua, que historicamente, produz uma situação social desconfortante para a população devido ao seu comportamento desviante, estilo de vida e suas subculturas própria (KUHN; CULHANE, 1998).

Segundo a META Instituto de Pesquisa de opinião (2008). A população em situação de rua é composta por maioria de homens, totalizando 82%. Das pessoas em situação de rua, constou-se que 53% estão entre 25 e 44 anos. Quanto as questões raciais, se declararam como pardas 39,1%, 29,5% se declararam brancas e afro-descendentes são 27,9%. Apesar de exercerem atividades remuneradas, a renda é considerada baixa, sendo que mais de 50% recebe entre vinte a oitenta reais por semana. Quanto a formação escolar 74% sabem ler e escrever, os que não sabem escrever compõe 17,1%, e os que sabem escrever apenas o próprio nome são 8,3% do total.

Morador de rua é uma palavra emotiva que evoca na mente das pessoas a imagem do vagabundo caminhando pela rua, com cheiro desagradável, com roupas sujas e com fome, ou alcoólatra, viciado e perigoso. Ver todos os indivíduos em situação de rua como esses estereótipos é fazer muitas injustiças (RAVENHILL, 2016).

Na literatura identifica-se três tipos de moradores de rua consistentemente: o morador de rua transitório, o episódico e o crônico desabrigado. A pesquisa de Kuhn e Culhane (1998) identificou que, a população que se encontra em situação de rua transitoriamente, são aqueles que entram no sistema de abrigos na intenção de uma estadia de período curto. Mais frequentemente são jovens, menos propensos a possuírem problemas de saúde mental, abuso de substâncias químicas entre outros problemas.

Geralmente são pessoas em situações de precariedade que passam por algum evento traumatizante como desemprego, separação entre outros, normalmente já esgotaram os pedidos de ajuda a amigos e parentes e devido a este cenário passam por um período no abrigo, na maioria das vezes se recuperam deste contexto, voltando a uma habitação estável e não retornam a situação de morador de rua (KUHN; CULHANE, 1998).

Quando o tipo de população é determinada de episódica, esta é integrada por indivíduos que transitam dentro e fora do “mundo” dos moradores de rua ou instituições mediadoras que

os abrigam. Eles tendem a ser jovens, geralmente experimentam problemas de saúde médica e mental, além de abusos de substâncias químicas e frequentemente são cronicamente desempregados. O período em que não se encontram no abrigo, geralmente estão em hospitais, prisões, centros de reabilitação ou na rua (KUHNS; CULHANE, 1998).

Quanto ao terceiro e último tipo de morador de rua, temos os que estão cronicamente desabrigados, é o perfil que mais se assemelha ao estereótipo da sociedade de morador de rua. Para este tipo de população, o abrigo torna-se como uma habitação de longo prazo e raramente uma medida de emergência. Normalmente abusam de substâncias químicas, sendo um dos fatores que impedem de possuírem empregos fixos (KUHNS; CULHANE, 1998).

Na literatura relativamente escassa sobre o assunto da população em situação de rua Leeuwen (2017), elucida sobre três principais abordagens identificadas: a abordagem de diferença, abordagem liberal e a abordagem de cuidados. Normalmente o indivíduo acaba em situação de rua devido a causas que podem ser estruturais (político, econômico) ou podem ser de caráter individual (dependência, traumas, doenças)

Tratando da primeira abordagem, a da diferença, esta perspectiva traz um conceito mais diversificado do espaço público em relação a leis e políticas sobre o que é permitido na rua. Esta vertente vê o morador de rua como uma vítima de uma concepção de espaço público homogeneizada, um espaço que está se tornando inóspito para os seres humanos. O governo vitimiza o morador de rua ao proibir práticas como dormir em público, urinar em espaço público (LEEUEWEN, 2017).

Esses teóricos criticam esses sistemas políticos e legais que proíbem estas atividades, defendem o direito do sem-teto ao espaço público, eles buscam o reconhecimento positivo do “diferente”. Claramente existem problemáticas com essa abordagem ao tentar vitimizar aquele que em grande parte fere o direito do outro ao, por exemplo, urinar em público (LEEUEWEN, 2017).

A abordagem liberal pode ser dividida em duas perspectivas, a versão minimalista e a versão generosa. A primeira trata da visão de Jeremy Waldron sobre sua interpretação de como o liberalismo iria rejeitar a propriedade privada, isso faria com que liberdades básicas se tornassem impossíveis de serem eficazes. Para Waldron, claramente a sociedade aceita os desabrigados, então, o espaço público deveria ser mais confortável para estes. A perspectiva generosa trata a casa como um domínio exclusivo da autonomia individual, ou seja nos permite excluir da casa aqueles que não consideramos família. A casa se torna um símbolo da autonomia e não possuí-la é uma violação de respeito liberal básico, portanto, os moradores de rua possuem o direito a uma casa (LEEUEWEN, 2017).

Quanto a última abordagem, a de cuidados, de Nel Noddings, esta foca na necessidade que a pessoa em situação de rua se encontra, e, não nos seus direitos de viver e dormir na rua. Para Noddings, não ter uma casa é uma violação as necessidades humanas básicas e por isso não deveria ser uma situação aceita pela sociedade. Isso pois, existem razões para a necessidade de um lar, a primeira é o endereço como premissa para o voto, para informações corretas a médicos, e recebimento de benefícios (LEEUEWEN, 2017).

Ainda na abordagem das necessidades de Noddings, outra razão para um lar é a necessidade de uma proteção contra elementos da natureza, contra o perigo, o lar é um local para armazenamento de bens e posses. Mas a questão mais importante que elucida a necessidade de uma casa é que a casa, um lugar privado para viver, desenvolve o senso de dignidade e auto-respeito. A não posse de um lar limita o ser humano a um ser biológico apenas. Ter um lugar próprio faz parte da própria identidade, oferece senso de estabilidade e senso de segurança (LEEUEWEN, 2017).

Na literatura usa-se o termo caminho para dentro ou fora da situação de rua. Este termo funciona mais como uma metáfora e não como uma teoria. Esta perspectiva mostra as mudanças que ocorreram para que o indivíduo ou família se encontre em circunstâncias de falta de moradia,

ênfatizando a dinâmica de mudança que ocorre neste cenário. Descreve o indivíduo e suas experiências mostrando que normalmente o caminho do morador de rua é caracterizado pelos reflexos que possui em sua vida devido a eventos problemáticos e necessidades de cuidados (KOSTIAINEN, 2015).

Os moradores de rua são caracterizados por idade, sexo, etnia e geografia dentro da abordagem dos caminhos. Frequentemente a falta de moradia está sendo compreendida pela comunidade científica como um processo diferenciado, com diversas rotas e saídas (KOSTIAINEN, 2015)

Segundo Kostiainen (2015) podemos identificar na literatura quatro grupo de fatores que aumentam a probabilidade de levarem indivíduos à ficarem em situação de rua:

1. Processos estruturais econômicos: dentro os quais são citados problemas de pobreza, desemprego, processos no contexto de habitação, proteção e bem-estar social e imigração.
2. Processos institucionais: dentro os quais a falta de empregos adequados ao indivíduo e as prisões são as que mais se destacam.
3. Processos de relações: a situação familiar, relacionamento com o(a) parceiro(a) ou com os pais.
4. Processos sociais: como a saúde, educação, problemas com dependências químicas e outros vícios.

Os moradores de rua estão expostos a grandes riscos na rua, presenciam eventos traumatizantes e também explorações nesse momento de fragilidade. Dentre os exemplos dessas situações temos as altas taxas de agressão sexual, roubo, violência física e assalto com arma, resultando em expectativa de vida diminuída destes indivíduos (LEVIN, 2015)

O morador de rua cria uma estado de sobrevivência, onde tenta permanecer vivo diante de dificuldades e traumas. A sobrevivência é física, psicológica, psicossocial e requer esforço. (Hein, 2011).

Outra estratégia de sobrevivência é o uso de drogas e álcool como uma maneira de lidar com os traumas passados, além de servirem como propósito de proporcionar a sensação de calor, principalmente durante o inverno, além de modo de lidar com o stress da vida de rua. Sugerem que o uso de drogas e álcool entre essa comunidade é vista como útil e até mesmo necessária. Com o decorrer do tempo ele pode permanecer nessa situação, ou começar a se curar. (Hein, 2011)

Quando em situação de rua, o indivíduo precisa sobreviver, para tanto existem algumas estratégias como o uso de drogas, pedidos de dinheiro a amigos e famílias, trabalho com drogas, atividades de gangues, procura em lixos, roubos, fraudes, atividades sexuais e trabalho. (Hein, 2011)

3.2. Morador de rua e o trabalho

O trabalho para o morador de rua possui dois aspectos de caráter primordial para o indivíduo. Primeiro o trabalho provém a subsistência física auferindo-lhes rendimentos, também sustenta a subsistência simbólica, pois, o trabalho possui importância na constituição da identidade (BAPTISTA, 2002).

A aquisição de recurso para a pessoa em situação de rua é essencial, pois o dinheiro é um meio de troca, e a base de consumo (compra de roupas, cigarro, alimentação, manutenção dos vícios como drogas e álcool, serviços de hospedaria, prostituição etc). Os moradores de rua, diferentemente do que se imagina, formam uma população ativa economicamente e para tanto realizam trabalhos para a aquisição de recursos. (ROBAINA, 2015).

A pessoa em situação de rua encontra dificuldades para sanar necessidades básicas como a higiene pessoal, a segurança, transporte e alimentação. Essa situação em que se encontra dificulta as chances de obtenção de um emprego (FERGUSON; ET AL, 2012)

Outro fator que aumenta o desemprego entre os moradores de rua é o consumo de drogas e bebidas alcoólicas, esses abusos além de prejudicar a permanência do indivíduo no emprego, o leva a praticar atividades ilegais como roubo, crimes de propriedade e distribuição de drogas. Normalmente estes indivíduos possuem baixa escolaridade e passagens pela polícia, outros dois fatores que dificultam a empregabilidade. Como saída, normalmente a população em situação de rua se volta para atividades que são flexíveis, podendo estas ser ilegais ou legais (FERGUSON; ET AL, 2012)

Segundo Ferguson et al (2015) encontra-se entre os moradores de rua que possuem emprego formal, as características de possuírem nível educacional maior, acesso a habitação estável, e tratamento quando possuidores de doenças mentais. Correlatados ao emprego informal temos o perfil de um indivíduo de idade mais jovem, de sexo masculino, com comportamento mais problemático, normalmente envolvido com atividade criminosa, uso de drogas ou álcool.

O entendimento entre trabalho formal e informal no Brasil é subjacente da ordem jurídica. A contratação e legalização no Ministério do Trabalho através da carteira de trabalho define o trabalho formal, enquanto o trabalho informal, muitas vezes é entendido como ilegal (como trabalho criminoso ou escravo), porém, também se refere ao trabalho relacionado a atividades familiares ou autônomas, sem um registo formal (NORONHA, 2003).

O trabalho informal está presente na sociedade brasileira desde a época do seu descobrimento na qual já haviam registros deste tipo de atividade como carregadores de mercadorias para os navios (DURÃES, 2009) e é entendido como um problema econômico e social, ao representar uma inadequação ao padrão, no caso uma inadequação ao trabalho formal (NORONHA, 2003).

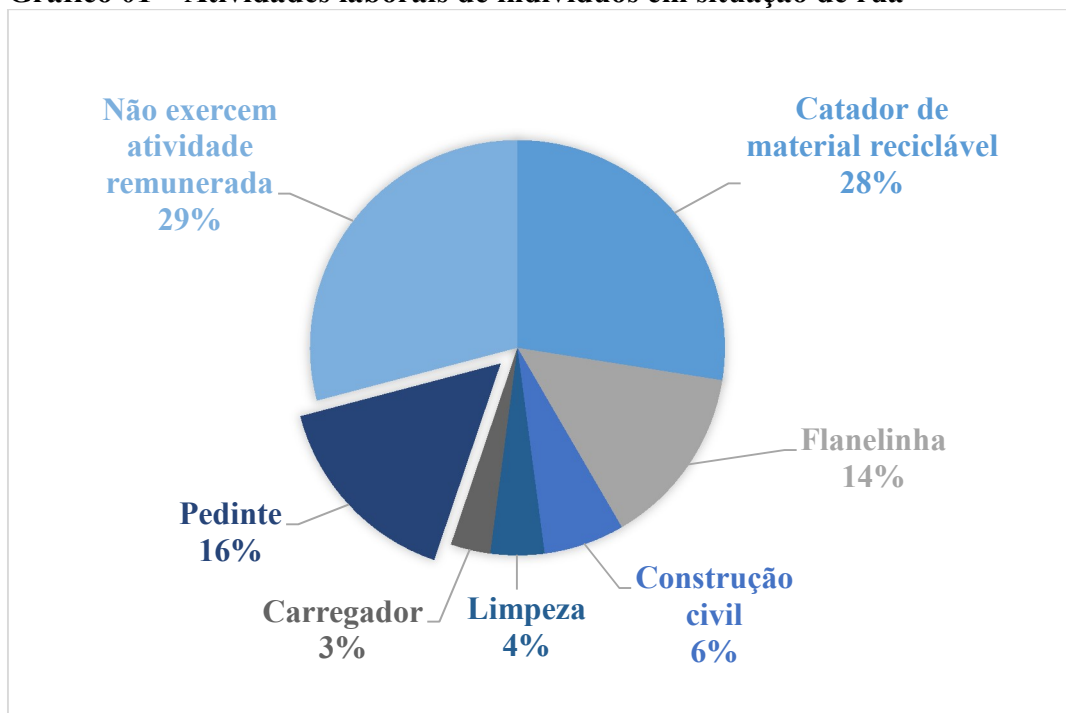
No Brasil entre os anos de 1940 a 1980 houve uma estruturação no mercado de trabalho, porém a partir da década de 80 esse mercado passa a se desestruturar precarizando o trabalho. Nos anos 90 essa desestruturação fica ainda mais clara se caracterizando pela desestruturação das vidas dos trabalhadores. A informalidade então aparece com mais força, atualmente é um lugar de concentração de trabalhadores excluídos do trabalho organizado e protegido socialmente (OLIVEIRA, 2005).

Caracterizado pela incerteza, o trabalho informal é uma atividade vulnerável, sem perspectiva futura, precária e, a insegurança desses indivíduos é latente. Além de sentirem uma pressão tripla ao que se refere ao próprio aprisionamento da atividade, a pressão coercitiva da fiscalização e a falta de segurança social (DURÃES, 2009).

Segundo a META Instituto De Pesquisa De Opinião (2008) os moradores de rua no Brasil são, na sua grande maioria, trabalhadores, dos quais 70,9% desta população, exercem alguma atividade remunerada. O Gráfico 1 mostra as atividades realizadas por estes indivíduos, demonstrando que as atividades de pedinte são compostas pela minoria, diferentemente do esteriótipo criado pela sociedade.

A pesquisa ainda nos mostra que as profissões mais citadas entre os moradores de rua são ligadas à construção civil (27,2%), ao comércio (4,4%), ao trabalho doméstico (4,4%) e à mecânica (4,1%). Entretanto, a maior parte dos trabalhos realizados situa-se na chamada economia informal: apenas 1,9% dos entrevistados da pesquisa afirmaram estar trabalhando atualmente com carteira assinada, ou seja em um trabalho formal. Desses 58,6% que declaram possuir uma profissão, portanto, a maioria encontra-se na área da informalidade. A pesquisa ainda demonstra que 47,7% dos entrevistados nunca trabalharam com carteira assinada (META INSTITUTO DE PESQUISA DE OPINIÃO, 2008).

Gráfico 01 – Atividades laborais de indivíduos em situação de rua



Fonte: META Instituto de Pesquisa De Opinião (2008).

3.3. Reinclusão na sociedade dos moradores de rua

Aos indivíduos que se encontram na situação de rua, são negadas diariamente uma série de direitos civis, políticos e sociais. A eles é negado o direito de participar em processos políticos, padrões de saúde entre outros mecanismos de aplicação de direito. A exclusão fica evidente ao morador de rua devido à falta de habitação, de renda, de apoio familiar e social e devido ao desemprego (WALSH, 2006).

Marr (2012) em seu artigo, realizou uma pesquisa com a avaliação de um quadro multinível, do global e do indivíduo, comparando com dados secundários e uma análise qualitativa de dados de entrevistas longitudinais de pessoas sob programas de habitação nas cidades de Los Angeles e Tóquio para identificar e explorar o processo de saída de situação de rua.

A pesquisa identificou que em ambas as cidades, os inquiridos seguiram dois caminhos para sair de situação de sem-abrigo. Em Los Angeles, os caminhos identificados foram o uso de vínculos sociais e dos funcionários, e o segundo caminho envolveu o uso de emprego com salário mínimo. Já em Tóquio, o primeiro caminho para a resolução da situação de desabrigado foi a obtenção de uma renda mínima através do emprego e concluí então que a obtenção de um emprego pelo indivíduo em situação de rua é crucial para a transformação de seu contexto de vida (MARR, 2012)

Walsh (2006) compara dois principais autores da Teoria da Exclusão, Ruth Levitas e Hilary Silver. Levitas apresenta a exclusão social por três paradigmas: o redistribucionista, o integracionista social e o de subclasse moral. Silver idêntica também três abordagens de exclusão o monopólio, a especialização e a solidariedade.

Walsh (2006) discute que esses paradigmas apresentam o mesmo conceito, ou seja, são paralelos e a partir das abordagens sinérgicas de Levitas e Silver, ela então sumariza em seus três paradigmas: concepção do bem-estar, concepção do mercado de trabalho e concepção da subclasse, apresentando juntamente a maneira de reinclusão desses indivíduos em situação de rua a partir de cada paradigma.

O paradigma do bem-estar atribui a exclusão ao fato desses indivíduos estarem em situação de privação de bens, estão alheios a benefícios e a serviços básicos sociais. É uma concepção de desvantagem social. Como reinclusão este indivíduo deve ter provisão de direitos de cidadania social através do bem-estar. Os excluídos devem receber um nível suficiente de recursos materiais para que possam pagar suas necessidades básicas, dessa forma aumenta sua capacidade de participar da vida social (WALSH, 2006)

O paradigma da concepção do trabalho, entende a exclusão social como resultado principal do desemprego, onde a integração moral é alcançada pelo trabalho. O trabalho resulta na criação de esferas sociais distintas e as pessoas não conseguem se mover livremente entre essas diferentes esferas se desempregadas. Isso resulta em discriminação por grupos sociais contra indivíduos que não estão incluídos em sua associação. Como reinclusão à sociedade, este indivíduo deve voltar ao mercado de trabalho, para tanto é necessário que iniciativas políticas garantam que os moradores de rua sejam empregados (WALSH, 2006)

Para Durman e Possa (2007) o vínculo com trabalho auxilia a afiliação entre pessoas, pois insere o indivíduo na aceitação e na sociedade, com isso o indivíduo antes em situação de rua passa a se sentir útil, a se sentir produtivo, isso gera um sentido de vida pois este agora, pode pensar em um futuro, começa a ter expectativas.

O emprego é importante para o morador de rua, pois contribui para a formação da sua identidade, ao se relacionar novamente com instituições e normas sociais ele volta a ter contato com características da sociedade, além do fato de o emprego fornecer rendimentos que facilitam a autossuficiência econômica e a vida independente (FERGUSON; ET AL, 2012).

O terceiro paradigma, da concepção da subclasse trata da visão do excluído como classe inferior, isso devido ou a sua dependência ou a atividade criminosa, baixa escolaridade etc. A exclusão é escolhida pelo indivíduo e ela ocorre com a quebra dos laços sociais entre este indivíduo e a sociedade, ao quebrar esse laço ele rejeita os valores coletivos. Com Reinclusão social, este indivíduo necessita de uma reintegração moral, a situação de rua pode ser resolvida se o indivíduo for moralmente e culturalmente "reeducado" (WALSH, 2006).

4. Metodologia

A presente pesquisa se caracteriza como qualitativa, segundo Creswell (2014) a abordagem qualitativa se caracteriza pela exploração e compreensão dos indivíduos, de significados e dos grupos aos quais ocorrem um problema social. Os dados normalmente são coletados no contexto do participante e o pesquisador realiza sua interpretação dos dados. A pesquisa qualitativa oferece uma representação holística, é indutiva e interpretativa (GEPHART, 2004).

Creswell (2014) destaca a importância dos pressupostos filosóficos do estudo pois estes se relacionam e influenciam a prática da pesquisa. Por visão filosófica entende-se um conjunto de crenças que orientam a ação.

A abordagem da presente pesquisa é construtivista. A filosofia construtivista busca a compreensão do mundo dos indivíduos, pois estes desenvolvem significados subjetivos que são variados e múltiplos, a pesquisa construtivista visa entender esses múltiplos significados de modo a confiar no participante (CRESWELL, 2014). Esta visão filosófica foi a adotada pois propicia uma compreensão do mundo do morador de rua, sendo o trabalho, um dos aspectos presentes neste mundo, um fator a ser investigado.

4.1.Coleta de dados

Os dados também foram coletados através de entrevistas semiestruturadas. Segundo Bauer e Gaskell (2012) a entrevista é uma técnica usada para se descobrir perspectivas e pontos de vista dos indivíduos, desta forma obtém-se uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações de indivíduos em determinada condição social, fornecendo um entendimento com maior profundidade.

Foram realizadas oito entrevistas com ex-moradores de rua, estando um alojado em abrigo oferecido pela prefeitura e os demais com residência fixada. O roteiro da entrevista foi elaborado conforme Anexo 01. A Tabela 01 mostra o perfil dos entrevistados

Tabela 1 – Perfil dos entrevistados

	Sexo	Faixa Etária	Experiência Profissional
Entrevistado 1	Masculino	42	Construção civil Trabalho na roça
Entrevistado 2	Masculino	53	Office Boy Auxiliar de escritório Polícia Militar Garçom Segurança
Entrevistado 3	Masculino	65	Trabalho na roça Manobrista Polícia Construção civil
Entrevistado 4	Masculino	69	Trabalho na roça Construção civil
Entrevistado 5	Masculino	37	Leiteiro Construção civil Soldador
Entrevistado 6	Masculino	52	Trabalho de Roça Decoração (MEI)
Entrevistado 7	Masculino	45	Trabalho na roça Carregador Construção civil
Entrevistado 8	Feminino	32	Vendedora de sorvete

Fonte: Elaboração do autor.

4.2.Análise de dados:

Utilizou-se a análise de discurso para a interpretação e análise dos dados. Segundo Orlandi (2005) a análise de discurso parte dos pressupostos de que não há sentido sem

interpretação; a interpretação está presente sempre em dois níveis, daquele que fala e de quem analisa, possui também um último pressuposto, o de que a finalidade da análise de discurso está em compreender como um texto produz sentido e não seu conteúdo em si. Portanto o objetivo central da análise de discurso é descrever como o texto funciona e explicitar como este produz sentido.

A análise de discurso trata de 4 temas: a) o discurso em si mesmo, ou seja, considera o texto em si, b) a linguagem como construtiva e construída, os recursos linguísticos constroem o discurso, o texto constrói o mundo, c) discurso como forma de ação, o indivíduo utiliza o discurso para ações como acusação, desculpa, apresentação, etc, d) convicção na organização retórica do discurso, o discurso é usado para estabelecer uma versão do mundo em contrapartida das versões competitivas.

A presente pesquisa utiliza da análise de discurso para compreender os significados por traz do texto e por compreender que o discurso é importante para a construção da vida social conforme observado por Gill (2002), desta forma procura analisar no discurso de ex-moradores de rua a significação que o trabalho teve no seu processo de reinserção na sociedade.

Para a realização da análise de discurso, dividiu-se em três seções: a) a situação de rua b) trabalho como meio de sobrevivência na rua e c) trabalho como meio de reinclusão na sociedade

a) A situação de rua:

Esta seção considerou os acontecimentos nas histórias individuais que determinaram um trajeto para a situação de rua do indivíduo. Quando questionado aos entrevistados sobre como ocorreu para que ficassem em situação de rua, identificou-se que os problemas com vícios (drogas e álcool) e problemas familiares (divórcio e problemas com os pais) como principais predecessores da situação de rua, podendo os dois fatores estarem interligados como mostra os seguintes recortes:

“ah! Primeiro o álcool né! O álcool, eu comecei a beber com 20 anos né, e aí eu já tive muitas... é serviço bom, serviço que era pra mim tê.... evoluído, tê ganhado um dinheiro, tê uma vida melhor, só que... né o álcool destruiu tudo... e eu... e eu... cabeí chegando nessa situação... agora com essa crise, desanimado tudo, fica bebendo e andando pa rua, mai agora to saindo dessa”

“De rua? ..ah... o vício, o álcool. ... deixei a família, me separei né... e... fiquei um tempo né”

“Foi depois da separação em 2003, que eu me separarei da mulher, dos filhos, né. E um pouco por problema de álcool. Isso que me levou a esse extremo”.

“aaahh... foi... é que sô usuária de droga né, tão eu ficava pa rua dia inteiro, minha mãe não aceitava eu usa droga. Tão eu ficava pa rua”.

Os vícios, seja ele com álcool ou mesmo com drogas, juntamente com problemas familiares, são predecessores da condição de rua para estes indivíduos, conforme tratado por Kostianen (2015) o vício esta presente no processo social que é um dos quatro grupos de fatores que aumentam a propabilidade de um individuo chegar a situação de rua. Os problemas familiares evidenciados nas falas, como os problemas com pais, ou mesmo com o conjugue são mostrados pela autora como os processos de relações.

Para a continuidade do vício, os indivíduos deixam tudo para trás para irem à rua, local de fácil acesso à droga, a rua torna-se para eles o espaço legalizado para o uso da droga, pois o lar proíbe este ato. A desestabilidade familiar também leva o indivíduo a procurar a rua, o lar, local que deveria ser de paz, devido a problemas familiares muda sua característica e se torna local de transtorno, a rua então adquire o sentido de espaço, de sossego.

Observa-se que os indivíduos tem ciência de que a situação de rua ocorreu devido a problemas, é frequente também nas falas, demonstrarem que estão lutando contra o vício, e tentando alcançar uma situação melhor, como podemos verificar nas falas:

“né o álcool destruiu tudo... e eu... e eu... cabei chegando nessa situação... agora com essa crise, desanimado tudo, fica bebendo e andando pa rua, mai agora to saindo dessa”

“Só tô nessa porque antigamente a gente não, pensava, sabe. Tinha umas frustração [...] mais agora já já, já deixei isso de lado também, tão agora eu consigo pensa, que antes eu num pensava”

As expressões “saindo desta” e “agora eu consigo pensar”, refletem que o indivíduo tem consciência de que seus vícios e a situação de rua são aspectos negativos e buscam portanto superar tais situações, Hein (2011) traz a idéia de que o indivíduo em tal situação pode percorrer dois caminhos, ou a pessoa em situação de rua permanece neste contexto, ou começa a se curar. Conforme verificamos nessas falas, esses indivíduos estão procurando a cura, o tratamento, estão tentando adquirir uma situação de normalidade diante da sociedade, ao admitirem que estão saindo deste contexto e que agora conseguem pensar.

b) Trabalho como meio de sobrevivência na rua:

Quando em situação de rua o indivíduo encontra diversas maneiras de sobrevivência, sejam elas legais ou ilegais, o trabalho normalmente é um caminho para a aquisição financeira que permite ao sem-teto se manter, mesmo que em condições precárias.

Esta seção procurou entender quais as estratégias o morador de rua usam para a sobrevivência no meio contrurbado e incerto que se caracteriza a rua, com ênfase na questão do trabalho.

Percebeu-se que a principal estratégia usada pelos indivíduos na situação de rua são os chamados “bicos”, os trabalhos informais. Conforme indicado por Noronha (2003) o trabalho informal é aquele caracterizado por ser um trabalho sem ligação legal entre o empregador e o empregado, sem carteira assinada, e sem amparo da Justiça.

No presente caso identificou-se o trabalho informal como fonte de renda financeira, sendo exemplificado diversas atividades realizadas para a obtenção desses recursos financeiros conforme podemos observar nos seguintes recortes:

[...] e, catava recicraver pa vende as véiz

“Fazia bico [...] trabalhei em restaurante... era num restaurante, churrascaria, né... depois ele montou um posto de gasolina e eu fui trabalhar de segurança no posto de gasolina. E morava lá nesse...”

“Trabalhando [...] um pouco aqui, um pouco ali, fazendo bico [...] no que aparece na parte de construção, assim, no que aparece, né. Até mesmo na roça também cheguei...”

“ai eu... guardava os carro sabe? ali no banco da praça? ... muito tempo... e... as vez algum caramada que sabia que eu sabia de pedreiro né, chamava eu... e... ai tirava um poquinho...”

“comecei a fazer uns bicos [...] fiz de tudo um pouco.. eu limpo lote, faço encanamento, parte de pedreiro”

Identifica-se que o trabalho informal tem grande participação na aquisição financeira do morador de rua, trabalhos como garçom, segurança, na área de construção civil e como flanelinha aparecem. Erroneamente entende-se que o morador de rua não trabalha, os enxergamos como pedintes e desocupados, mas conforme elucidado pela META Instituto De Pesquisa De Opinião. (2008), a grande maioria dos moradores de rua exerce algum tipo de atividade remunerada, o que é constatado nos recortes anteriores.

Durães (2009) destaca que essas atividades remuneradas são vulneráveis pois são incertas e com isso não oferecem uma perspectiva para o morador de rua, é apenas uma estratégia para a sobrevivência. Ao tratarem este trabalho como “bicos” e usarem expressões de “ai tirava um pouquinho”, “no que aparece”, fica implícito que estes indivíduos compreendem a natureza incerta da atividade que eles realizam.

c) Trabalho como meio de reinclusão na sociedade

Considerando o morador de rua como um indivíduo excluído da sociedade e privado de direitos civis, políticos e sociais, busca-se aqui compreender como o trabalho é entendido por esta população e como eles podem utilizar o trabalho, o emprego, como uma forma de reinclusão na sociedade.

Verificou-se conforme os recortes a seguir que o trabalho é valorizado pelos indivíduos, eles entendem que o trabalho proporciona um status que ofusca o esteriótipo dado pela sociedade ao morador de rua:

“ pessoal sabia qui eu ia trabalha mal, mai... querendo ou não eu fazia alguma coisa né, pessoal num achava que era vagabundo... isso neh!”.

“mesmo trabalhando, por tá fazendo algo... a sociedade acaba que vendo você como pelo menos fazendo algo né”.

“A sociedade vai ter uma visão diferente daquela que eu estava vivendo até então. Porque ai tendo um emprego fixo [...] com carteira assinada, é o espelho da pessoa”

“Sim... eu... sempre trabaiei certinho né, apesar de ser uma coisa aqui outra ali, sempre fiz direito então, pelo menos não achavam eu desocupado né”

“a gente num trabalha então leva o nome de vagabundo, mas na verdade eu... cheguei a trabalhar dia e noite”.

“aah.. sei lá... [...] tê trabalho ajuda né! [...] .. vai ajuda com.. aí com... sabe pessoal... não acha que é vagabundo né... acha que a gente presta pra alguma coisa”

Pela fala conseguimos identificar que eles entendem que o trabalho tira o estigma de vagabundo e de desocupado que a sociedade impõe ao morador de rua, o trabalho legitima a

pessoa pelo fato dela “prestar para alguma coisa” ou como tratado pelo entrevistado dois, o emprego que se torna o espelho da pessoa, não mais a situação de rua

Segundo Ferguson (2012) o pensamento está correto, pois o emprego tem a capacidade de reduzir o nível de discriminação sofrido pelos sem-abrigo que muitas vezes são vistos como ociosos.

Para Walsh (2006) a exclusão social é um desencadeamento do desemprego, dentro do paradigma da concepção do trabalho, integração moral é alcançada pelo trabalho, isto porque o trabalho cria esferas sociais distintas e as pessoas não conseguem se mover livremente entre essas diferentes esferas se desempregadas, com isso esses indivíduos passam a ser discriminados pela sociedade, ao possuírem novamente um emprego, elas conseguem acessar essas diferentes esferas e isso resulta na sua reinclusão à sociedade.

Verificou-se pelas falas que o trabalho proporciona meio para esses indivíduos realizarem condições desejadas por eles:

“pra zera tudo, eu arruma um emprego e começa de novo”.

“tem um amigo aí que tá ajeitando uma chácara aí para eu tomar conta... morar na chácara, ter salário, coisa e tal e tudo. Então esse dinheiro que. E a partir do momento que começar a entrar esse dinheiro eu acho que daí eu vou pensar em fazer alguma coisa prá mim mesmo”

“ah eu to batalhando novo ve se eu pego esse casa popular di novo né, pra sai do aluguel Já ajudava bastante né!”

“Eu tive várias oportunidades, memo assim eu dei mancada joguei tudo po arto mais agora eu tô vendo comé qui é né, então agora eu to proveitando mai melhor as oportunidade que tá aparecendo”

“ôia primeiramente eu preciso compra umas ropa mais melhor né [...] arruma meus dente e mais pra frente si eu pudé mais pra frente eu compro alguma coisa porque eu catava o carro do meu pai escondido [...] eu acho qui eu tenho condição de dirigi ainda”

Os indivíduos vêm no emprego uma forma de melhorar sua condição de vida, mostram que a partir de um emprego conseguem mudar sua condição de excluído de uma sociedade. As falas demonstram que, com a obtenção de um emprego, estes indivíduos tem expectativas e sonhos, tem pretensões como conseguir uma casa, um carro, arrumar os dentes, começar de novo.

O emprego proporciona benefícios financeiros a pessoas, para Ferguson (2012) o morador de rua ao obter um emprego, encontra caminho para sair de uma condição de extrema pobreza.

5. Conclusão

Diante da análise de discurso que foi realizada na presente pesquisa, é possível observar como esse indivíduo acabou por se situar em um contexto de rua e também pode-se observar quais os significados que o trabalho tem para este indivíduo.

Em relação a como este indivíduo acabou em situação de rua, levantou-se os indícios que os maiores preditores desta situação era o uso de drogas, nas quais identificaram-se a maconha e a cocaína como principais, o alcoolismo, onde foi relatado como precedente por

diversos indivíduos que a partir do vício com o álcool saíram de casa. Também identificou-se o predecessor de problemas familiares, houveram relatos de problemas com os pais e também problemas conjugais que levaram ao divórcio/separação.

O fator trabalho possui grande importância para o morador de rua. Primeiramente o trabalho provém a remuneração financeira, foi constatado que os indivíduos que realizavam atividades informais, na entrevista citaram o que fazem com o dinheiro que ganham, em grande parte é usado para a manutenção de sua vida normal, citaram pagamento de aluguel, compra de remédios, pagamento de contas e também provisões para os filhos

Em segundo lugar percebe-se que estes indivíduos reconhecem o trabalho como embaído de valor, na entrevista todos citaram questões positivas sobre o trabalho, eles identificam no emprego um meio de mostrar perante a sociedade que o estereótipo de “vagabundo” e “ocioso” que foi criado para o morador de rua está errado. Identificam o trabalho como uma forma de mostrar que eles, como indivíduos, possuem valor, estão sendo produtivos e úteis.

Em terceiro lugar os entrevistados demonstraram entender o trabalho como um intermediário para a conquista de uma vida melhor, dentre os entrevistados, alguns possuíam planos, os quais para serem realizados necessitavam de recursos financeiros que seriam provenientes através do trabalho. Estes indivíduos identificaram o trabalho como uma maneira de recomeçar, uma maneira de sair da situação em que se encontram e melhorar de vida, através do trabalho e do abandono dos vícios.

Conforme é identificado na literatura, o trabalho possibilita à população de rua, fatores que são importantes para a sua reinclusão, dentre esses fatores, é importante destacar que o trabalho proporciona que o indivíduo se mova dentro das esferas sociais; o trabalho possibilita que o indivíduo que antes se sentia inútil, passe a ter expectativas, passe a se sentir produtivo, com isso ele consegue desenvolver um sentido de vida. O trabalho também propicia ao indivíduo em situação de rua uma formação de identidade, isso porque volta a se relacionar com as normas sociais que não existem na rua. O trabalho possibilita através de seus benefícios financeiros que o morador de rua saia da extrema pobreza em que se encontra e possa então melhorar de vida.

Ressalta-se então que o trabalho é meio importante para a reinclusão na sociedade do indivíduo que se encontra em situação de rua. Cabe destacar que o presente estudo se baseou em um contexto específico e portanto não pretende realizar a generalização dos resultados.

Para as futuras pesquisas recomenda-se um maior aprofundamento da interligação entre o trabalho e as demais dimensões de reinclusão social, como as assistências sociais, os círculos sociais, e políticas governamentais.

6. Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Delano Augusto Corrêa. **Morador De Rua: Da Questão Social para a Questão Midiática**. Puçá: Revista de Comunicação e Cultura na Amazônia, Belém, v. 1, n1, p. 77- 102, jan. /jun. 2011

BAPTISTA, M. T. Identidade profissional: questões atuais. In: DUNKER, C. I. L.; PASSOS, M. C. (Orgs.). **Uma psicologia que se interroga**: ensaios. São Paulo: Edicon, 2002. p. 145-154.

BAUER Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual pratico**. Vozes Petrópolis, Rio de Janeiro, 2002.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

CRESWELL, J. W. **Research Design: qualitative, quantitative and mixed methods approaches**. 4. ed. Los Angeles: Sage, 2014.

DURÃES, Bruno José Rodrigues. **Trabalho de Rua no Brasil e o processo de acumulação capitalista: o trabalhador gratuito**. Comunicação apresentada ao VI Colóquio Internacional Marx E Engels, 2009.

FERGUSON, Kristin M.; BENDER, Kimberly, THOMPSON, Sanna J.; MACCIO, Elaine M.; POLLIO, David. **Employment Status and Income Generation Among Homeless Young Adults: Results From a Five-City, Mixed-Methods Study**.

FERGUSON; Kristin M., BENDER, Kimberly; THOMPSON, Sanna J. **Risk and Resilience Factors Associated With Formal and Informal Income Generation Among Homeless Young Adults in Three U.S. Cities**. *Youth & Society*. pag1–26, 2015

GEPHART, Robert P. **Qualitative Research and the Academy of Management Journal**. From the Editors. *Academy of Management Journal*, 2004, Vol. 47, No. 4, 454-462.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HEIN, Laura C. **Survival Strategies of Male Homeless Adolescents**. *Journal of the American Psychiatric Nurses Association*, vol 17(4), pg 274–282, 2011

KOSTIAINEN, Eeva. **Pathways through Homelessness in Helsinki**. *European Journal of Homelessness* _ Volume 9, No. 2, December 2015

KUHN, R., & CULHANE, D. P. **Applying Cluster Analysis to Test a Typology of Homelessness by Pattern of Shelter Utilization: Results from the Analysis of Administrative Data**. *American Journal of Community Psychology*, Volume 26, Issue 2, pag 207-23, April 1998

LEEUEWEN, Bart van. **To the Edge of the Urban Landscape: Homelessness and the Politics of Care**. *Political Theory*. 1–25, 2017

LEFEBVRE, Henri. **o direito à cidade**. 5. ed. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro Editora, 2011.

LEVIN, Brian. **Reassessing Laws on Hate Violence Against the Homeless**. *American Behavioral Scientist*, Vol. 59(13) 1715–1728, 2015

MARR, Matthew D. **Pathways out of Homelessness in Los Angeles and Tokyo: Multilevel Contexts of Limited Mobility amid Advanced Urban Marginality**. *1006 International Journal of Urban and Regional Research*. Vol 36.5, September 2012

META Instituto de Pesquisa de opinião. Relatório final. **Pesquisa Censitária e Amostral. População em situação de rua**, 2008.

NATALINO, Antonio Carvalho. **Estimativa Da População Em Situação De Rua No Brasil**. IPEA. Março, 2016

NORONHA, Eduardo G.. **“Informal”, Ilegal, Injusto: Percepções Do Mercado De Trabalho No Brasil**. Revista Brasileira De Ciências Sociais. Vol. 18, nº 53. Outubro, 2003

OLIVEIRA, Luiz Paulo Jesus. A condição “provisória - permanente” dos trabalhadores informais: **O caso dos trabalhadores de rua na cidade de Salvador**. (Dissertação de Mestrado) Programa de pós-graduação em ciências sociais. Universidade federal da Bahia. Salvador, 2005)

ORLANDI, E. P. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005.
população em situação de rua no Brasil 1995-2005. 2006. 220 f. Dissertação (mestrado) -

POSSA, Terezinha; DURMAN, Solânia. **Processo de ressocialização de usuários de substâncias lícitas e ilícitas**. Revista Electrónica en Salud Mental, Alcohol y Drogas, vol. 3, núm. 2, 2007

RAVENHILL, Megan. **The Culture of Homelessness**. Routledge: New York, 2016

ROBAINA; Igor Martins Medeiros. **Entre mobilidades e permanências: uma análise das espacialidades cotidianas da população em situação de rua na área central da cidade do Rio de Janeiro**. (Tese de doutorado), Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio De Janeiro. Rio de Janeiro, 2015.

SILVA, Maria Lúcia Lopes da. **Mudanças no Mundo do Trabalho e o Fenômeno População em Situação de Rua no Brasil: 1995-2005**: UnB, 2006, 227 p. Dissertação (Mestrado) - Curso de Serviço Social, Unb, Brasília, 2006.

WALSH , Tamara. **A right to inclusion? Homelessness, human rights and social exclusion**. *Australian Journal of Human Rights* v 12.(1) (2) pg 185-204 DEZEMBER 2006
Youth & Society. Vol 44(3), pag 385– 407, 2012.

Anexo 01 – Roteiro de Entrevista

Pergunta	Autor	Teoria
1. Quantos anos você tem?	(META INSTITUTO DE PESQUISA DE OPINIÃO, 2008)	A população em situação de rua é composta por maioria de homens, compondo 82%. Das pessoas em situação de rua, constou-se que 53% estão entre 25 e 44 anos
2. Possui família?	(KOSTIAINEN, 2015)	Existem na literatura quatro grupo de fatores que aumentam a probabilidade de levarem indivíduos à ficarem em situação de rua: um deles é o processo de relações que incluem a situação familiar
3. Como foi até hoje sua vida na questão do trabalho?	(META INSTITUTO DE PESQUISA DE OPINIÃO, 2008)	Segundo a Pesquisa Nacional sobre a população em situação de rua (2008). Os moradores de rua no Brasil são, na sua grande maioria, trabalhadores onde 70,9% exercem alguma atividade remunerada
4. Como aconteceu para que você ficasse em situação de rua?	(KOSTIAINEN, 2015)	Na literatura usa-se o termo caminho para dentro ou fora da situação de rua. Este termo funciona mais como uma metáfora e não como uma teoria. Esta perspectiva mostra as mudanças que ocorreram para que o indivíduo ou família se encontre em circunstâncias de falta de moradia, enfatizando a dinâmica de mudança que ocorre neste cenário. Descreve o indivíduo e suas experiências mostrando que normalmente o caminho do morador de rua é caracterizado pelos reflexos que possui em sua vida devido a eventos problemáticos e necessidades de cuidados
5. Quais as maneiras que você encontrou para sobreviver financeiramente na rua até hoje?	(HEIN, 2011)	Quando em situação de rua, o indivíduo precisa sobreviver, para tanto existem algumas estratégias como o uso de drogas, pedidos de dinheiro a amigos e famílias, trabalho com drogas, atividades de gangues, procura em lixos, roubos, fraudes, atividades sexuais e trabalho.
6. Como você gastou esse dinheiro?	(ROBAINA, 2015)	A aquisição de recurso para a pessoa em situação de rua é essencial para com o dinheiro possuir um meio de troca e base de consumo, (compra de roupas, cigarro, alimentação, manutenção dos vícios como drogas e álcool, serviços de hospedaria, prostituição etc).

Pergunta	Autor	Teoria
7. Qual é o trabalho hoje que você realiza?	(META INSTITUTO DE PESQUISA DE OPINIÃO, 2008).	profissões mais citadas entre os moradores de rua, no qual 58,6% declaram possuir uma profissão, sendo a maior parte na área da informalidade. A pesquisa ainda demonstra que 47,7% dos entrevistados nunca trabalharam com carteira assinada
8. E como gasta o dinheiro hoje?	(ROBAINA, 2015)	A aquisição de recursos para a pessoa em situação de rua é essencial para com o dinheiro possuir um meio de troca e base de consumo,
9. Os trabalhos que você realiza na rua, como eles ajudam a sua vida?	(DURÃES, 2009)	A atividade de rua se caracteriza por corresponder a atividades vulneráveis, possuir incertezas de renda e de perspectiva futura; e, é, geralmente, estratégia de sobrevivência, ou uma forma reconfigurada de inserção na informalidade
10. Você tem algum plano que para conseguir precise de dinheiro? Qual?	(POSSA; DURMAN, 2007)	O indivíduo que possui um vínculo com trabalho passa a se sentir um cidadão produtivo, leva-os a pensar em um futuro e muda o sentido de vida da pessoa pois esta tem uma expectativa
11. Você acha que o trabalho fixo faz com que as pessoas te vejam de outra maneira? Por quê?	(BAPTISTA, 2002).	Trabalho surge como fator primordial para a pessoa, por dois aspectos: provém a subsistência física por meio dos rendimentos auferidos; e sustenta a subsistência simbólica, dada a importância do trabalho na constituição da identidade pessoal.
12. Como você acha que os trabalhos que realizou enquanto estava em situação de rua te ajudou a ser melhor visto pela sociedade?	(WALSH, 2006).	O terceiro paradigma, da concepção da subclasse trata a visão do excluído como classe inferior, isso devido ou a sua dependência ou a atividade criminosa, baixa escolaridade etc.